



## BARBÁRIE E POESIA, EU E ELA ENTREVISTA COM VERA LINS

**Myriam Ávila\***

\* Professora Associada de Teoria da Literatura na FALE-UFMG.

Quase simultaneamente, a escritora, artista plástica e professora Vera Lins publica um livro de ensaios, *O poema em tempos de barbárie*, e um de ficção autobiográfica, *Desejo de escrita*. Eles parecem obedecer a impulsos opostos: um de estudo e rigor, um de jogo e casualidade. Num, fala de poesia. No outro, exercita a prosa literária. Mas que dizer da proximidade amiga que consegue manter com o leitor nos ensaios? E da habilidade manhosa com que nos guia pelos meandros de um diário baralhado?

Se você gosta de poesia, leia os ensaios de Vera para se encantar com a propriedade com que ela aproxima representações poéticas da guerra em diversos momentos da história e

em pontos diversos do planeta com expressões desiludidas de versos mais próximos de nós no tempo e no espaço. E ainda, para conhecer e apreciar melhor os simbolistas brasileiros, lidos, inclusive, através dos prismas de Agamben e Castoriadis. Ao longo do livro, você se verá diante de uma outra arte, a pintura, capaz também de aguçar nossos sentidos para o poético. Tudo isso com qualidades de leveza e precisão que é raro mostrarem-se juntas em textos desse teor.

Se você gosta de diários, da escrita não totalizante do momento, de correr o olhar sem compromisso de cronologia pelos papéis alheios (como apreciamos eu e mais 90% da humanidade), por mais leituras desse tipo que já tenha feito,

não deixará de se surpreender com a aparente simplicidade com que as anotações da protagonista de *Desejo de escrita* deslizam do “eu” para o “ela” e com a personalidade poderosa que emerge de fragmentos tão dispersos.

O “eu” é, no fundo, uma instância de barbárie, como a poesia é sempre uma instauração do sujeito via o objeto. Talvez por esses caminhos tortuosos se liguem os dois livros que Vera Lins nos oferece, nos quais seu talento não parece menor por refletir-se de forma fraturada em um jogo de espelhos.

Myriam Ávila

\*

MA: PUBLICAR NO MESMO ANO, E NO MESMO SEMESTRE, UM LIVRO DE ENSAIOS E OUTRO DE FICÇÃO SIGNIFICOU PARA VOCÊ UMA EXPERIÊNCIA DE DISSOCIAÇÃO OU VOCÊ VÊ UMA PROXIMIDADE OU ATÉ UMA HARMONIA UNINDO ESSES DOIS PROCESSOS DE ESCRITA?

VL: Acho que os dois processos são próximos, o ensaio tem um impulso ficcional e a minha ficção tem algo de ensaística, de reflexão mais que de narrativa. Aliás, a ficção é também uma forma de pensar (unindo sensibilidade e intelecto) com personagens e ações, ou mais rarefeita. É a questão da falta e do desejo que impulsionam a escrita, tanto ficcional como ensaística. O que une os dois livros é mesmo uma vontade de pensar o que está a minha volta, que me toma o tempo todo.

MA: VOCÊ FALA, NO ENSAIO QUE ABRE SUA COLETÂNEA, DA LEVEZA E DA SOMBRA COMO ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DA POESIA DIANTE DA BARBÁRIE. ORA, LEVEZA E SOMBRA É JUSTAMENTE O QUE CARACTERIZA SUA FICÇÃO EM *DESEJO DE ESCRITA*. ESSA SERIA TAMBÉM UMA SAÍDA PARA A PROSA CONTEMPORÂNEA?

VL: Sim, a leveza é uma forma de opor à violência uma outra sensibilidade que consiga ver a sombra, o negativo, o não imediatamente aparente, que se arrisque no invisível e acho que isso é o que faz a ficção, a poesia, a arte. Trabalhar com a ambivalência também é importante. Por isso cito o livro de Duda Machado, *Adivinhação da leveza*. Acho que temos que exercitar essa leveza de adivinhar, aceitar as ambivalências e incertezas,



para criar um outro mundo mais leve também. Gosto muito das reflexões do Feyerabend sobre os limites da ciência, do Michel Serres e do Edgard Morin, mais recentes, sobre a necessidade de pensar diferente, contra a pretensa objetividade da ciência e da técnica. A prosa contemporânea também afirma essas ambigüidades, aliás como toda ficção, penso em Machado, em Beckett e nos autores contemporâneos brasileiros como Bia Bracher e Rubens Figueiredo, para citar alguns.

MA: A ATRAÇÃO PELAS ARTES PLÁSTICAS É UM DOS PONTOS QUE UNEM, DE CERTO MODO, O SEU LIVRO DE ENSAIOS E A SUA PERSONAGEM FICCIONAL. SE ENTENDERMOS ARTES PLÁSTICAS NÃO

PROPRIAMENTE COMO UMA OPÇÃO PELA VISUALIDADE, MAS NO SENTIDO DE “POR A MÃO NA MASSA”, MOLDAR, SENTIR O MATERIAL, VOCÊ DIRIA QUE HÁ UMA LIGAÇÃO ENTRE O SEU TRABALHO COMO ARTISTA PLÁSTICA E SUA ESCRITA?

VL: As artes plásticas fazem parte de minha vida desde adolescente. Fiz curso na Escola de Artes Visuais no Parque Lage, quando estudava no Colégio Pedro II, depois na escola, quando estudei nos Estados Unidos. Fiz curso de pintura no MAM, na época da universidade, e mais tarde, de novo, no Parque Lage. Nos anos oitenta, tinha um ateliê com outros pintores no centro da cidade e participei de algumas exposições coletivas. Também vivi alguns anos com um pintor. Eu fazia quadros enormes, recortando a tela colada na madeira. A pintura foi uma das razões por ter feito mestrado e doutorado sobre a crítica de arte de Gonzaga Duque, queria unir minha relação com as artes plásticas e a escrita. Mas a escrita ficou mais forte e passei a fazer apenas aquarelas e recortes no papel, o que faço até hoje. O que era na época apenas esboço para a pintura grande ficou como uma intervenção no espaço vazio como a escrita. Pensando agora na minha pintura, vejo os mesmos procedimentos que usei em *Desejo de escrita*, o recorte e a montagem.

MA: A MANEIRA COMO VOCÊ TRABALHA OS MOMENTOS, OS ENCONTROS, AS COINCIDÊNCIAS E AS EPIFANIAS EM *DESEJO DE ESCRITA* LEMBRA-ME A COLOCAÇÃO DE WALTER BENJAMIN EM

“TESES SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA”: “ARTICULAR HISTORICAMENTE O PASSADO NÃO SIGNIFICA CONHECÊ-LO ‘COMO ELE DE FATO FOI’. SIGNIFICA APROPRIAR-SE DE UMA REMINISCÊNCIA, TAL COMO ELA RELAMPEJA NO MOMENTO DE UM PERIGO.” EMBORA A QUESTÃO DO PERIGO NÃO SEJA EVIDENTE NO SEU LIVRO, ESSA ILUMINAÇÃO SÚBITA VIA REMINISCÊNCIA ME PARECE TER SIDO REALÇADA POR MEIO DA MEMÓRIA EM FRAGMENTOS QUE O DIÁRIO TE PERMITIU RECRIAR. VOCÊ CONCORDA?

VL: Sim, o diário me acompanha desde os doze anos de idade, escrevia sempre e acho que essa possibilidade de reler o que se escreveu é ótima, pode-se recortar, montar a vida de várias maneiras. Acho que foi o que fiz em *Desejo de escrita*. A partir de uma estória recente, recortei e montei o livro, uma possibilidade de escrita. Tenho tantos cadernos de diário, que posso fazer outros recortes ainda. Este foi a partir de um momento, não digo de perigo, mas decisivo, há alguns anos, que comecei a escrever o livro.

MA: UMA COISA QUE ME ENCANTA EM SEUS ENSAIOS É O TOM DE CONVERSA COM O LEITOR QUE ELES ASSUMEM QUANDO VOCÊ SE COLOCA NELES, USANDO EXPLICITAMENTE A PRIMEIRA PESSOA. WALTER BENJAMIN DIZ QUE, PARA ESCREVER BEM, É PRECISO DEIXAR DE USAR O PRONOME EU, QUE DEVERIA SER RESERVADO ÀS CARTAS. O QUE VOCÊ DIRIA A RESPEITO?

VL: Meu ensaísta modelo é Montaigne, e Auerbach diz que o que o atrai nele é justamente o tom de conversa. Acho que é próprio do ensaio, pois esse tom revela a visão pessoal



que diferencia o ensaio de um tratado científico. A ciência quer ser neutra, objetiva, totalizadora, enquanto o ensaio se assume como um ponto de vista e como fragmento. O eu que aparece no ensaio é também fragmento, como dizia Schlegel. Mas acho que não uso tanto o eu, passeio por várias referências teóricas como os românticos alemães e outros pensadores com quem sinto afinidades. Mas, claro, assumo esse sujeito pensante que articula a escrita do ensaio.